

**Beijos de mel com sabor de ambrosia: considerações sobre o homoerotismo na poesia catuliana, a partir dos poemas 48 e 99**

Profª Drª Arlete José Mota (UFRJ, Faculdade de Letras, PPGLC/ UFRJ)  
Mestranda Zildene de Souza ( PPGLC/UFRJ; orientadora: Profª Drª Arlete José Mota)

[arlemota@yahoo.com.br](mailto:arlemota@yahoo.com.br)

[zildene@ibest.com.br](mailto:zildene@ibest.com.br)

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo uma análise literária dos poemas 48 e 99 de Catulo, levando em consideração as seguintes reflexões: a influência dos *poetae noui* nas gerações dos líricos posteriores foi determinante para a criação de um espaço literário propício a expressão de sentimentos, vividos ou não – criou-se uma forma cada vez mais ampla de expor a temática amorosa. Além disso, destaca-se uma dita ousadia por parte de poetas como Catulo em tratar dos assuntos mais corriqueiros, bem distante das narrativas em que sobressaem um valor guerreiro, revigorando a tradição dos *carmina erotica*. Pretende-se também em linhas gerais tecer considerações a respeito dos estudos sobre homoafetividade na Roma antiga, levando-se em conta o chamado ciclo de Juvêncio da poesia catuliana.

Palavras-chave: Catulo, homoerotismo, Juvêncio

**Kisses honey flavored ambrosia: considerations of homoerotismo in catulian poetry, from poems 48 and 99**

Abstract

This work aims a literary analysis of the 48 and 99 Catullo's poems, taking into account the following considerations: the influence of *poetae noui* in subsequent generations of lyric was crucial to creating a literary space conducive to expression of feelings experienced or not - created increasingly wide form to expose the love theme. In addition, he said one stands out boldly by poets like Catulo in dealing with more mundane matters, far from narratives that stand a warrior value, reinvigorating the tradition of *carmina erotica*. It is also intended to outline some considerations about the studies homoaffectivity in ancient Rome, taking into account the so called Juvêncio cycle of catuliana poetry.

Key-words: Catulo, homoeroticism, Juvencio

Há uma extensa fortuna crítica que trata da homoafetividade em Roma, e tal fato, na medida em que não pretendemos nos alongar em um posicionamento teórico específico, levou-nos a

escolhas de uma determinada abordagem. Por isso tencionamos apenas comentar a seguir alguns aspectos a respeito do tema, que dizem respeito essencialmente a questões comportamentais que indicam uma visão de mundo propriamente romana.

Inicialmente, salientamos que a sociedade romana era baseada no ideal do guerreiro viril onde o homem poderia manter relações sexuais com homens ou mulheres, desde que desempenhasse papel ativo nessas relações. As relações sexuais eram uma das formas de mostrar o poder do homem na sociedade e o homem livre que assumisse o papel passivo em uma relação sexual não era bem visto, pois a passividade era considerada uma prática degradante.

A forma como os romanos pensavam as relações sexuais reflete um estatuto social, conforme afirma Geraldine Puccini-Delbey (PUCCINI-DELBEY, 2010, p.109). A conduta de cada um não era classificada como classificamos hoje entre homens e mulheres, mas sim em relação a ser ativo ou passivo em uma relação sexual. Só era considerado homem aquele que desempenhasse papel ativo, fosse com homens ou mulheres.

Sem nos alongarmos em digressões que descaracterizariam nossa proposta inicial, destacamos, que, na Grécia, o comportamento sexual permitia que o cidadão mantivesse relações com os jovens livres. Conforme sinaliza Paul Veyne (VEYNE, 2008, p.234) “são efebos que ainda não se tornaram cidadãos, de modo que ainda podem ser passivos sem desonra”.

Se na Grécia esse comportamento era permitido, em Roma não era tolerado que homens mantivessem relações sexuais com jovens nascidos livres conforme aponta PUCCINI-DELBEY (2010, p.111),

A cultura grega é adotada, no seu todo, pelos romanos, a pederastia, elemento essencial da educação dos jovens na Grécia, é, contudo, uma prática que choca a moral romana e que, por isso, nunca poderá tornar-se um modelo cultural. Os amores masculinos são, certamente, aceitos pelos romanos, mas a pederastia, no sentido restrito do termo, ou seja, o amor de jovens rapazes livres, é objeto de uma violenta rejeição, redobrada pela recusa da nudez do corpo masculino.

Os romanos tentam afastar os jovens livres desses costumes gregos. Ser um homem é um estatuto social e ter o corpo violado faz com que esse cidadão seja irremediavelmente desonrado, perdendo a condição de cidadão romano. O modelo grego é impossível de ser materializado em Roma, pois ser um *uir* prevê a inviolabilidade do corpo. Neste sentido, a adolescência masculina precisa ser protegida para alcançar o patamar de *uir* para que sua masculinidade social seja plena e ele se torne um cidadão completo. Se esse jovem for penetrado sexualmente, não poderá alcançar a masculinidade tão essencial ao romano.

Porém, o desejo sexual é tolerado se o objeto do seu prazer não for um homem livre. A relação de homoafetividade está ligada às relações entre homens livres e seus jovens escravos ou libertos. E essas relações são expostas no âmbito literário.

Na literatura latina há muitos relatos sobre práticas sexuais entre homens, principalmente entre o senhor e o seu jovem escravo, chamado de *puer delicatus*. No século de Cícero, sobressaem poemas de Catulo, que, em alguns de seus versos, canta para um certo Juvêncio, dos olhos de mel,

como veremos adiante. Acrescentamos que a descrição dessas relações homoafetivas ganharam maior visibilidade no século de Augusto e são expostas não somente na literatura como também em outras manifestações artísticas.

Voltamo-nos então para o texto literário e inicialmente optamos por transcrever uma passagem de Cláudio César Henriques (HENRIQUES, 2001, p. 50), que serve como uma primeira reflexão a respeito da recepção do texto literário:

O leitor é um consumidor que, quanto mais experimenta as várias perspectivas oferecidas pelo texto e relaciona diferentes visões e padrões uns aos outros, mais coloca a obra em movimento, deslocando-se juntamente com ela.

Para refletirmos a respeito da expressão de sentimentos e aspectos comportamentais, na literatura latina, devemos levar em conta as seguintes questões: Catulo e os poetas que herdarão dos **poetae noui** um fazer literário em que sobressai um sentimento (que oscila e apresenta múltiplos tons, como na vida de fato) vão de encontro ao que os poetas do período arcaico - e os chamados “fundadores da literatura latina” – de certa forma preconizaram. Se de um lado, nos primeiros tempos, já se apontava para o relato de feitos gloriosos e os *Commentarii* e *Annales*, por exemplo, marcam o olhar do conquistador, inaugurando uma forma de historiar o período em que se vive, de outro a comédia, em especial com Plauto, descreve tipos humanos risíveis, às vezes caricaturais. Uma *alma* legitimamente romana emerge nos dois caminhos que serão trilhados a partir daí: o relato de um povo hábil na guerra, que terá sua expressão máxima, na *Eneida*, e o olhar sagaz, e satírico, em direção ao que é considerado inapropriado a um romano, nas sátiras e nos epigramas. A geração de Catulo tem a marca da transgressão. A poesia lírica de então contemplará o que é novo, o olhar para o outro é pleno de desejos – e frustrações.

Uma outra questão a ser tratada se relaciona à educação do jovem romano. O romano, desde cedo, instruía-se para ser dominador. A palavra era usada como elemento fundamental para a propagação de um ideal político-social. O romano acreditava-se superior nas armas e nas leis. E aprendia a argumentar. Esse poder, é claro, emana dos mais variados contextos. Uma clara noção de hierarquização pode se estabelecer em todas as relações. Falemos das relações familiares, profissionais, religiosas e também sexuais.

Aproximemo-nos agora de Eros. Graças aos poetas apresenta-se inquieto - é o próprio desejo impetuoso. Pode ser representado como um pequeno arqueiro alado. A imagem do menino, contudo, nos engana: a inocência que esconde malícia.

Entre os romanos, Cupido é o deus cego, apresentado de olhos vendados. Tem as mesmas funções e histórias de Eros e seria filho de Vênus e Marte ou ainda de Vênus e Júpiter. É também um menino de cabelos encaracolados, risonho e que traz flechas mortais. Os vocábulos: *cupĕre* (desejar) *cupidus* (desejoso), *cupiditas* (desejo violento; paixão), dão intensidade ao arrebatamento natural de um sentimento amoroso – muitas vezes elevado ao extremo.

Convém nos atermos também à romana Vênus, antiga divindade itálica que presidia a vegetação, jardins e pomares. Dentre seus epítetos destacam-se: *Amica*, *Merētrix*, *Murtia* (por causa

da murta que lhe era consagrada), *Genetrix* (mãe) – este último relaciona-se ao culto das matronas, suplicantes para que a deusa dirigisse o coração das mulheres para a castidade.

Falamos da esfera do mito e já começamos a observar uma riqueza vocabular que a língua dos viris conquistadores curiosamente possui para expressar os mais variados sentimentos amorosos. Amores diversos, que são vistos de forma bem diferente, de acordo com a época, com o juízo social, político, jurídico etc. Citemos, como exemplo, o poema V de Catulo, onde há a referência aos *rumores senum seueriorum*, aqueles que se escandalizariam com novos hábitos. Os poetas dessa fase refletiriam uma revolução moral – questiona-se se seriam agentes do processo.

Ressaltamos ainda que, em um estudo a respeito da tipologia dos relacionamentos amorosos, normalmente eles podem ser classificados como permitidos, tolerados ou rejeitados.

Ao falarmos da expressão de sentimentos amorosos pelos poetas latinos somos levados imediatamente a escolhas: ora a uma expressão de volúpia e convite ao prazer ora a uma espécie de entrega sem freios à paixão ora à frustração do desejo reprimido. Mas antes que a geração de Catulo se rebelasse, surge nas comédias talvez a mais tradicional e popular visão do amor: citemos Plauto, por exemplo, e as loucuras de amor de Fédro, em *O Gorgulho* – saudando os ferrolhos da porta e sendo diagnosticado por Palinuro, seu escravo, como “insano”.

Dos poetas do amor sobressaem um quase romântico Catulo, as experiências, vividas ou não, do conselheiro Ovídio, a “escravidão” de Tibulo a Délia, o amor que ultrapassa a morte em Propércio, o fim trágico de Dido, na *Eneida*, de Virgílio, as amadas Lídia e Cloé de Horácio. A questão relacionada à ideia de um sentimento realmente vivido, em que se procuram retratos dos personagens citados é alvo de acalorado debate. Pensemos em uma espécie de espaço poético – à imagem e semelhança do espaço dramático criado pelos satíricos para sugerir a noção de movimento - espaço onde se concretizam as relações interpessoais. Com a palavra Catulo (mais uma vez) no poema 16, versos 5 e 6:

*nam castum esse decet pius poetam  
ipsum, uersiculos nihil necesse est;*

(De fato, convém ao pio poeta ser ele próprio casto, o que não é necessário aos seus versos.)

Devemos citar ainda a tradição dos *carmina erotica*, importante para as discussões acerca da expressão de sentimentos amorosos exacerbados e da existência de um conteúdo confessional. Além disso, cabe aqui uma ressalva quanto à estruturação dos poemas de Catulo e uma dita expressão de interiorização dos sentimentos. Para João Ângelo Oliva Neto (CATULO, 1996, p.12), a poesia estará sempre voltada para o mundo exterior, mesmo quando fala de sentimento:

Será possível observar que o modo mais característico da exterioridade, na absoluta maioria dos cantos de Catulo e de outros autores romanos, é a presença de um interlocutor, quase sempre nomeado, que, com o eu-poético e o leitor faz o poema instaurar-se como encontro de pessoas, ou melhor dizendo, como reunião de personagens em cena. Nestas cenas, com muita frequência, o poema, mesmo quando trata dos sentimentos do sujeito-lírico, concretiza-se como fala de personagem, como

um dos lados da conversa, já que os textos não são necessariamente dialogados.

Catulo é considerado o poeta do amor por excelência. As diversas fases comuns aos relacionamentos amorosos são vistas em seus *Carmina*, e cada fase é descrita com intensidade e com riqueza vocabular inimitável. Embora se refira às suas *nugae* (“bagatelas”) será considerado introdutor de novos gêneros na literatura latina, como o epigrama. É o primeiro de que temos notícia a apresentar uma espécie de diálogo entre um eu e um tu (nomeado; com vez, mas sem voz).

Canta Lésbia e Juvêncio (nos chamados ciclos), que são admirados e cortejados (como o faziam os gregos, Catulo ressoa os acordes da lira de Safo). E sobre os objetos de desejo de Catulo afirma PUCCINI-DELBEY(2007, p. 115)

[as duas relações citadas, com Lésbia e Juvêncio mulher casada e homem livre] violam os códigos tradicionais do comportamento sexual que um cidadão devia ter e são testemunhos de uma poesia subversiva, onde a relação sexual apresenta as mesmas características independentemente do sexo do parceiro.

De ternas palavras onde o outro possui beleza plástica e sensualidade patentes a invectivas, frutos de insatisfação / frustração: estes são os caminhos percorridos pelo poeta. São fases e faces possíveis nos relacionamentos.

Passemos, enfim, aos poemas selecionados<sup>1</sup>:

#### Poema 48

*Mellitos oculos tuos, luventi,  
si quis me sinat usque basiare,  
usque ad milia basiem trecenta  
nec numquam uidear satur futurus,  
non si densior aridis aristis  
sit nostrae seges osculationis.*

(Se alguém me permitisse beijar sem parar teus olhos de mel, Juvêncio, sem parar iria a trezentos mil beijos e jamais pareceria saciado - nem mesmo se a colheita de nosso beijo fosse mais compacta que espigas secas.)

Aqui chamamos a atenção para o traço fisionômico destacado pelo poeta: os olhos de mel. Mel como símbolo atemporal de doçura e encantamento. Olhos doces e olhos cor de mel: sensações, cores, um jeito de ser - timidez, recato, docilidade. São olhos que se encontram. E a respeito do olhar, destacamos um interessante comentário de Jean Chevalier, e Alain Gheerbrant (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 653):

<sup>1</sup> Todas as traduções são de nossa autoria.

As metamorfoses do olhar não revelam somente quem olha; revelam também quem é olhado, tanto a si mesmo como ao observado. É com efeito curioso observara as reações do fitado sob o olhar do outro e observar-se a si mesmo sob olhares estranhos. O olhar aparece como o símbolo e instrumento de uma revelação. Mais ainda, é um reator e um revelador recíproco de quem olha e de quem é olhado. O olhar de outrem é um espelho que reflete duas almas.

Podemos confrontar o poema 48 com o poema V, já citado – em uma análise que recorta a noção de quantidade de beijos. Mas, o reforço à quantidade em um e em um outro poema são sentidos de forma diferenciada: a mistura, o excesso no poema V cria uma espécie de proteção para os olhares invejosos. No poema 48 a quantidade revela a intensidade do desejo reprimido. Sim, há insatisfação. Já no segundo verso vemos a referência a uma permissão para que pudesse concretizar seus desejos (*si quis sinat*).

Segue o poema 99:

#### Poema 99

*Surripui tibi, dum ludis, mellite luenti,  
suauiolum dulci dulcius ambrosia.  
Verum id non impune tuli: namque amplius horam  
suffixum in summa me memini esse cruce,  
dum tibi me purgo nec possum fletibus ullis  
tantillum uestrae demere saeuítiae.  
Nam simul id factum est, multis diluta labella  
guttis abstersisti omnibus articulis,  
ne quicquam nostro contractum ex ore maneret,  
tamquam commictae spurca saliuu lupae.  
Praeterea infesto miserum me tradere amori  
non cessasti omnique excruciare modo,  
ut mi ex ambrosia mutatum iam foret illud  
suauiolum tristi tristius elleboro.  
Quam quoniam poenam misero proponis amori,  
numquam iam posthac basia surripiam.*

(Roubei de ti, enquanto brincavas, Juvêncio de mel, um beijo doce, mais doce que ambrosia. Suportei-o não impunemente: pois por mais de uma hora recordei-me que estava preso no alto de uma cruz. Pedi desculpas, mas meus prantos não diminuíram a crueldade tua. Feito o que fiz, secaste teus lábios úmidos de muitas gotas, com todos os teus dedos, para que não permanecesse qualquer vestígio de minha boca, qual saliva suja em putas emporcalhadas de urina. Além disso, não me cessavas de entregar a Amor Cruel e de me torturar de todas as formas. Até aquele beijo de ambrosia tornar-se mais amargo que o heléboro. Esta é a pena que atribuis a um triste amor: eu nunca mais roubarei beijos!)

No poema acima há uma clara mudança de tom no diálogo estabelecido entre um ofendido poeta, frustrado em seus intentos e um Juvêncio que não aprova sua atitude. Levando-se em conta uma perceptível estruturação do poema, poderíamos dividi-lo em três partes:

A primeira (versos 1-6, *o beijo roubado*): traz a descrição da ação, o arrependimento e um pedido de desculpas.

A segunda (versos 7-14, *a reação de Juvêncio*): Catulo imprime certa noção de movimento, levando-nos a imaginar gestos (possivelmente delicados) que denunciam a insatisfação do “ofendido”. A referência no verso 10 à *lupa* representa uma quebra do tom (de lamúrias, diríamos), um despertar para novos sentimentos.

A terceira (versos 15 e 16) a punição. Percebemos claramente uma das marcas dos versos que Catulo dedica a seus desafetos e que será o modelo da poesia epigramática: a ironia.

Em termos linguísticos vale ressaltar o valor semântico dos seguintes vocábulos:

Os verbos :

*Subripĕre*: tirar à escondidas, subtrair furtar, roubar.

*Trahĕre*: arrastar, puxar

*Excruciare*: torturar (ex+ crux)

Estes verbos enfatizam a ideia de ardor e certa violência. Além disso *excruciare* faz referência a uma dor física (transposição de uma dor moral). No poema 85 Catulo se vale da mesma ideia:

*Odi et amo. Quare id faciam, fortasse requiris.  
Nescio, sed fieri sentio et excrucior.*

(Odeio e amo. Talvez queiras saber como consigo fazê-lo. Não sei, mas sinto acontecer e sou torturado por isso.).

E sobre os substantivos, destacamos:

*Suavium (savium)*: beijo terno; beijo de amor

*Helleborus*: erva medicinal

Há um interessante jogo de palavras: a ambrosia que deleita (mas envenenou o sentimento) e o heléboro que cura.

Em um olhar mais atento para os dois poemas (48 e 99), verificamos alguns elementos comuns. A saber:

1. Um eu movido pelo desejo, intenso - desafiador, quem o sabe? Procura seduzir, mas não alcança seus objetivos.
2. A utilização de vocábulos distintos para “beijo”: *osculum*, *savium*, *basium*, que representam tipos diferentes na expressão do sentimento amoroso. Varia o contexto (familiar, erótico etc.). Amor filial; amor conjugal; amor terno; paixão. Beijo significando: afeto, emoção, amizade, luxúria, mas também submissão. Como salienta Airto Montagner (MONTAGNER (2001, p15),

Os beijos não só tornam o homem imortal, mas também proporcionam-lhe o prazer dos jogos. Beijos longos, beijos breves, depositados em cada recanto do rosto, do colo, do peito e da boca não devem ser retribuídos da mesma maneira, mas através de múltiplas inventivas, por variados jogos, numa disputa de criação em que o perdedor, só ele, com humilhados olhos, pagará a tarefa de beijar sozinho os mais doces beijos.

3. Ambos apresentam graus distintos de insatisfação, de frustração. Um desejo não realizado. Uma sensação de incompletude.

Podemos iniciar nossas considerações finais afirmando que a cultura romana sofreu profundas influências da cultura helenística, observando a cultura grega de uma forma inovadora e com um estilo próprio, valendo-se da *imitatio* e da *aemulatio*. No âmbito literário, Roma não possuía nenhuma tradição poética, até o século III a.C., mas o contato com os textos gregos e sua consequente tradução para o latim, fez com que muitos poetas assimilassem uma forma de escrever. Naquele momento, Roma passava por transformações sociais que pretendiam uma identidade romana própria, desvinculada da cultura grega e essa ruptura foi possível por que as duas sociedades eram diferentes. A sociedade grega formava seus cidadãos para a retórica, filosofia, artes, direito entre outras disciplinas que julgassem fundamentais para torná-los homens cultos. Já a sociedade romana não via com bons olhos a dedicação às atividades intelectuais. Eram um povo com perfil de guerreiros, de dominadores, de estrategistas, de conquistadores: eram *uiri*. Neste sentido, o povo romano ao assimilar a cultura grega, promoveu uma adaptação para seus próprios costumes. A sociedade era baseada no *pater familias*, no homem dominador, na cultura do falo. Por isso, ao entrar em contato com o homoerotismo grego, viu com horror as práticas daquela sociedade. Vale ressaltar que, para a sociedade grega o jovem livre não tem status de cidadão, por isso, ser penetrado sexualmente não fere sua cidadania. Não é o caso do jovem livre romano, que, desde seu nascimento já é considerado cidadão, por isso, ser penetrado sexualmente é algo indigno que fere completamente sua cidadania e o desonra para a vida de *uir*.

Por outro lado, na sociedade romana a manutenção de poder do *uir* passa pela dominação sexual masculina. Essa dominação é exercida nas pessoas que não têm status de cidadão romano, como as mulheres, os escravos e os libertos. Essa categoria de pessoas pode ser penetrada sexualmente sem que sua condição de cidadãos seja maculada, até porque não são considerados cidadãos. Porém, mesmo que haja a proibição do contato sexual entre dois homens livres adultos, a prática homoafetiva acontecia e era amplamente denunciada no âmbito das artes em geral. Como veremos em poetas como Catulo, no século de Cícero, e Ovídio, no século de Augusto.

A guisa de conclusão poderíamos destacar que os poemas citados exemplificam as linhas mestras da poesia de Catulo. A expressão de um sentimento, vivido de fato ou vivenciado na poesia, se faz através de uma escolha vocabular que imprime vivacidade, movimento e acima de tudo intensidade nas emoções. O dito expressa o desejo, o não dito talvez expresse a frustração. Ou seria o interdito?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CATULO. *O livro de Catulo*. Trad. e notas de João Ângelo Oliva Neto. São Paulo: EDUSP, 1996.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Tradução de Vera da Costa e Silva... [et al.]. – 24ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

HENRIQUES, Cláudio César. *Literatura como objeto do desejo*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011.

MONTAGNER, Aito. O livro dos beijos. *Principa*. Rio de Janeiro, UERJ, V, 2001. p. 6-15.

OLIVA NETO, João Ângelo. A Warren Cup e os poemas pederásticos de Catulo: considerações sobre o erotismo nas artes da Roma Antiga. In: *Revista de História da Arte e Arqueologia*. São Paulo: Unicamp, 1995/1996.

PUCCINI-DELBAY, Géraldine. *A vida sexual na Roma Antiga*. Rio de Janeiro: Edições Texto & Grafia, 2010.

VEYNE, PAUL. *Sexo e poder em Roma*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FORTE TEXTUAL:

CATULLE. Poésies. Texte ét. Et trad. Par Georges Lafaye. 3ème ed. Paris: Les Belles Lettres, 1949.